

## **A INSERÇÃO SOCIAL DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA: um estudo de caso**

*Angela M<sup>a</sup> de Camargo dos Santos<sup>1</sup>; Idorlene da Silva Hoepers<sup>2</sup>;*

### **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de investigar como ocorre a inserção social de uma pessoa com deficiência física, residente na cidade de Balneário Camboriú SC. Trata-se de estudo de caso etnográfico, com coleta de dados realizada no mês de abril do ano de 2017 com roteiro de entrevista semiestruturado formado por perguntas abertas, baseadas na história de vida, registradas em áudio. Após a coleta de dados ocorreu a transcrição seguida de categorização orientada pela análise de conteúdo (FRANCO, 2008). Do processo de análise emergiram as seguintes categorias: família, escola, trabalho e percepção de si. Os resultados indicam que no processo de inclusão a figura da Mãe / família foi essencial para o desenvolvimento da autoimagem positiva. Quanto à inserção na escola e trabalho, as dificuldades relatadas pelo entrevistado evidenciam que o processo de inclusão foi difícil e necessária sua adaptação vencendo os desafios para conquistar seu lugar na sociedade.

**Palavras-chave:** Deficiente físico. Família. Preconceito. Escola. Trabalho. Inserção social.

### **INTRODUÇÃO**

A inserção social da pessoa com deficiência vem sendo discutida ao longo do tempo nas mais variadas áreas do conhecimento e entre elas, especificamente na educação como lugar de problematização e reflexão. No âmbito do Programa de Pós-Graduação e Educação Lato Sensu, eixo de Processos Educativos e Inclusão cursei o componente curricular Produção da (A)normalidade e Processos Educativos, com o objetivo de compreender aspectos sociais que envolvem a produção da (a)normalidade nos variados contextos.

Ao revisitar os períodos históricos que nos antecederam, importante se faz destacar que ao longo da história da humanidade o culto ao corpo perfeito vinculado

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia e estudante do PPGE/IFC – Camboriú - Eixo Processos Educativos e Inclusão. Supervisora Op. Turística no Complexo Cristo Luz em Balneário Camboriú. Atualmente é Professora do 2º ano do Ensino Fundamental em Camboriú. Email: angelapibid2914@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí. Atualmente é Professora do Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú, no Curso de Licenciatura em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação - Eixo Processos Educativos e Inclusão. Email: idorlene.hoepers@ifc.edu.br

aos padrões considerados normais foi continuamente exaltado, fato que deixava os deficientes à margem da sociedade. Esse modo de olhar para a deficiência trazia implícito um pensamento destacado por Foucault (2013) quanto à utilidade do cidadão para a sociedade, independente de ser olhado pelo viés da guerra, da arte ou do esporte. Percebido desta forma, o corpo passa a ser impossibilitado de mostrar suas variações (SERRES, 2004) como se tivéssemos que seguir um único padrão, neste caso especificamente, o físico que nos iguala desconsiderando outras formas de ser e estar no mundo.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Na perspectiva da abordagem qualitativa busca-se compreensão sobre os processos e significados construídos pelas pessoas sobre determinadas situações reais. (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Os procedimentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa foram o estudo de caso etnográfico<sup>3</sup> que conforme André (2005) se caracteriza pela atenção a um fenômeno, complexo e singular. A autora afirma que é um “[...] estudo em profundidade de um fenômeno educacional, com ênfase em sua singularidade e levando em conta os princípios e métodos da etnografia.” (ANDRÉ, 2005, p. 19).

Para a coleta de dados foi selecionada a entrevista organizada por meio de um roteiro semiestruturado formado por oito questões abertas baseadas na história de vida. A entrevista foi previamente agendada e ocorreu na residência do sujeito entrevistado, com registro em gravação de áudio para posterior transcrição e análise, desenvolvida por meio da análise de conteúdo que tem como objetivo “[...] a busca de sentido ou sentidos de um texto.” (FRANCO, 2008, p. 53). No movimento de análise, após sucessivas leituras ocorreu a categorização que resultou nas seguintes categorias: família, escola, trabalho e a percepção de si que serão discutidas e analisadas no decorrer deste texto.

Na sequência, em diálogo com os autores, será problematizada a deficiência sob o ponto de vista histórico como forma de exclusão daqueles que não

---

<sup>3</sup> A proposta de pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). O Comitê tem a meta de garantir aos participantes de pesquisas científicas, seus interesses preservados. Quanto à identidade do entrevistado, foi garantido compromisso de total sigilo.

se adaptavam aos padrões sociais estabelecidos, a caracterização do sujeito entrevistado, a discussão das categorias, as considerações finais e referências.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pessoa entrevistada nasceu no ano de 1963, na cidade de Rio do Sul onde permaneceu até os 5 anos de idade. É o 4º filho entre os seis irmãos, sendo dois homens e quatro mulheres. Nasceu com má formação física e mesmo sem tê-lo visto, a Mãe aceitou seu filho independente da condição física.

Relatou ainda que as crianças nascidas com deficiência, na época, muitas das vezes já ficavam no hospital<sup>4</sup>. O seu nascimento, na condição de deficiente, foi inesperado, pois não existia tecnologia para saber o sexo da criança, nem se a criança iria nascer com alguma deficiência. Aos 6 anos, com a família, passou a residir em Balneário Camboriú (SC), onde atualmente vive. Sua família escolheu morar em Balneário Camboriú, por ser uma cidade plana, condição que para um cadeirante, facilitaria sua locomoção.

Enquanto usuário de cadeira de rodas se movimenta de forma limitada, pois apresenta membros superiores e inferiores com atrofia. É uma deficiência congênita<sup>5</sup>, no entanto, apesar de todas as dificuldades de locomoção, na época, a mãe fez várias tentativas em anos consecutivos para matriculá-lo na escola, período em que teve a oportunidade de estudar até o Ensino Médio nesta mesma Escola Estadual.

Quanto as categorias família, escola, trabalho e percepção de si é possível afirmar que a família é a base fundamental para que a pessoa com deficiência alcance a inclusão social. Neste sentido, o entrevistado salientou a importância da família, especialmente a figura materna em seu desenvolvimento e educação. Revelou que a família o fez, a base do que é hoje. **[...]. Como costume dizer, tive a felicidade de ter tido uma grande Mãe, ela me aceitou sem ter me visto. [...] e as coisas que lembro da minha infância é que minha mãe nunca me tratou diferente.** Esta afirmação nos leva a considerar que a Mãe tinha consciência que deveria fazê-lo acreditar, que seria capaz de fazer muitas coisas. Sobre a importância da figura

---

<sup>4</sup> Necessário se faz destacar que a pessoa entrevistada nasceu no início da década de sessenta.

<sup>5</sup> Conforme Macedo (2008, p. 128) “[...] as chamadas Deficiências Físicas Congênitas definem-se como qualquer perda ou anormalidade de estrutura ou função fisiológica ou anatômica, desde o nascimento, decorrente de causas variadas.”

materna Moura e Valério (2003) nos auxiliam na compreensão ao afirmar que “a mãe tem sido, historicamente, considerada a figura central da família; ela é considerada o foco dos mais significativos alinhamentos familiares. Quando a criança age a mãe reage e, por sua vez, a criança reage à mãe, [...]” (MOURA; VALÉRIO, 2003, p. 47).

Sobre a escola relata ele [...] **era 1970, e as Políticas Públicas, estavam começando [...], mas aqui, para Balneário Camboriú, estava meio complicado, tanto que minha mãe provou que eu escrevia tudo. [...]**. Mesmo assim, a escola relutou, argumentando que não aceitavam pessoas com deficiência e questionou a Mãe, como iria sentar na cadeira [...] **se eu tinha que sentar em cima do caderno? [...]**.

O que estava em pauta na época era o fato de a Escola ter que lidar com uma criança que por condições físicas estava impedida de sentar em uma carteira. A indiferença se fazia presente na negação de um direito e sobre este aspecto Bianchetti e Correia destacam que há “[...] uma atitude de indiferença relativamente à diferença e, principalmente, uma atitude de profunda indiferença em relação a desigualdade social, que se exprime no campo educativo por uma insensibilidade aos dispositivos de discriminação escolares. [...]”. (BIANCHETTI; CORREIA, 2011, p. 172).

Ao adentrar no universo do mercado de trabalho, a pessoa com deficiência é julgada pela sociedade como incapaz de realizar suas tarefas. Na condição de cadeirante o entrevistado mais uma vez insistiu afirmando **o trabalho, foi a coisa mais complicada da minha vida, foi muito difícil arrumar emprego na área e fora da área. [...]**. Sobre esse desafio Glat *et al* afirmam que “o ingresso no mercado de trabalho, sob diferentes condições, é uma etapa determinante no processo de amadurecimento de qualquer jovem. Em relação à transição para vida adulta, [...]”. (GLAT, *et al*, 2011, p. 24).

Se em condições ditas “normais” a inserção do jovem no mercado de trabalho gera expectativas, na condição do entrevistado havia outros fatores, a exemplo do fato de ser cadeirante que contribuíam para o alargamento dos desafios. Prestou concurso público [...] **me inscrevi, aceitaram minha inscrição, paguei a inscrição, fiz as provas e passei. [...] quando me apresentei me desclassificaram por ser pessoa com deficiência. [...]**. Relata que na Década de 80, [...] **não entrei com processo, porque naquela época não tinha informação [...]. Foi uma das coisas que eu mais senti. [...]**.

Na sociedade se vê como qualquer outro cidadão e não se importa sobre como é visto pela sociedade. A esse respeito, Santos (2013, p. 10) afirma que “[...] E o “novo” se impõe a cada instante, incomoda a quem não está suficientemente preparado para recebê-lo”. Apesar de sua atual imagem positiva, tem consciência de que, uma parte da sociedade o vê como uma pessoa com deficiência, e outra como modelo de superação. Considera-se um sujeito comum que não anda. Por outro lado, há pessoas que lhe vêm como deficiente, ***[...] que deveria estar no meu lugar, em uma esquina pedindo esmola. [...] depende do olhar da sociedade, [...]***.

O que o torna diferente é a capacidade de transformar-se constantemente em um outro, em um movimento que para Serres (2004, p. 47) “[...] se ele sabe construir esse novo estado fora do antigo equilíbrio pode-se pensar que a própria vida se estabelece desde sempre. [...]”. O fato de pensarmos diferente, de sermos diferente não pode ser visto como algo que nos diminui, mas pelo contrário como possibilidade de múltiplas aprendizagens e quiçá assim possamos realmente viver e conviver com o diferente ressignificando continuamente a compreensão de nos colocarmos no lugar do outro considerando suas/nossas potencialidades.

## CONCLUSÕES

O estudo sobre a inserção de uma pessoa com deficiência na sociedade chama a atenção para realidade social e os desafios que acompanham aqueles que apesar de todos os avanços não se enquadram nos paradigmas do corpo perfeito. Como podemos observar na análise dos relatos do entrevistado, foram evidenciadas as categorias família, escola, trabalho e a percepção de si. A figura materna, o acolhimento da família e amigos foram a base de tudo, essenciais para a compreensão de sua condição física, autoconfiança, equilíbrio e perseverança. A Mãe, sempre o incentivou e o impulsionou para a conquista do seu espaço na sociedade.

Considerando as discussões e problematizações levantadas neste estudo de caso, foi possível perceber os desafios e superações vividas por uma pessoa com deficiência. Apesar dos avanços históricos que temos tido no âmbito da inclusão, ainda há um longo caminho a ser percorrido no que se refere à inclusão social, para

quem sabe, um dia, se tornar realidade para TODOS no sentido mais completo da palavra.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.** Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

BIANCHETTI, Lucídio; CORREIA, José Alberto. **In: Exclusão no trabalho e na educação: Aspectos Mitológicos, Históricos e Conceituais.** Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP). Campinas, SP: Papirus, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Rio de Janeiro: Vozes. Petrópolis, 2013.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

GLAT, Rosana et al. **Inclusão e pessoas com deficiência e outras necessidades especiais na escola e no trabalho.** 2011. Disponível em:<  
[http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/CIEE\\_texto\\_GLAT\\_et\\_all\\_versao\\_final\\_agosto\\_2011.pdf](http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/CIEE_texto_GLAT_et_all_versao_final_agosto_2011.pdf). >  
Acesso em 06 de ago. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013. 112 p.

MACEDO, Paula C. M. **Deficiência física congênita e saúde mental.** Rev. SBPH. Rio de Janeiro: v.11 n.2, dez. 2008. Disponível em:  
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v11n2/v11n2a11.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2018.

MOURA, Leonice; VALÉRIO, Naiana. **A Família da criança deficiente.** Mackenzie, Cad. Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. São Paulo: vol. 3, 2003. Disponível em:<<http://editorarevistas.mackenzie.br/>> Acesso em 30 jul. 2018.

SANTOS, Mônica P. dos. **Dialogando sobre inclusão em educação: contando casos (e descasos).** Curitiba, PR: CRV, 2013. 88 p.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo.** Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Marisa Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2004. 144 p.